

PAISAGENS QUE TRACEJAM HISTÓRIAS E PATRIMÔNIO: UM OLHAR PARA OS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DE BENEDITINOS-PI

Domingos Alves de Carvalho Júnior*¹

Palavras iniciais

Ao investigar a paisagem do município de Beneditinos, localizado na região centro/norte do estado do Piauí. Pretende-se lançar um olhar aos meandros da paisagem e refletir sobre o que significa essa paisagem nas relações entre os vestígios arqueológicos e o espaço/lugar do sítio.

O município de Beneditinos está localizado na microrregião de Teresina, na zona fisiográfica do Médio Parnaíba, com uma área territorial de 793 km². Compreendido entre inúmeras serras, vales, rios, riachos, morros isolados lugar propício para a ocupação humana em diferentes épocas.

Nesse espaço foram identificados sítios arqueológicos pré-históricos (arte rupestre) e sítios históricos (Sobrado de Pedra dos Jesuítas e muros de pedras construído por escravos no período colonial), além de ruínas de inúmeras fazendas e engenhos, demonstrando uma ocupação que vai do período pré-colonial ao período contemporâneo.

Para tanto apropria-se do conceito de paisagem como um artefato social construído a partir das necessidades de determinados grupos, e de lugar como uma configuração instantânea de posições. A intenção investigativa é procurar explorar e refletir sobre os significados culturais presentes nas relações sobre os vestígios materiais e a paisagem atual no sentido de inferir como os grupos que ocuparam, pensaram, conviveram e se apropriaram da paisagem no decorrer de determinado tempo.

Nessa construção se utiliza de diferentes fontes, pesquisa bibliográfica e de campo. O percurso investigativo possibilitou o alargamento da interlocução com diversos autores. Porém o diálogo foi estreitando com autores que compartilham com a temática em estudo. Vale ressaltar, entretanto, que a preocupação central neste trabalho

1 Mestre em Antropologia e Arqueologia pela UFPI e professor da Universidade Estadual do Piauí - UESPI.

é identificar como a análise da paisagem do patrimônio pré-histórico e histórico contribui para evidenciar os achados arqueológicos e como esses achados revelam a história desses grupos pretéritos.

Para esse trabalho não recorre-se a noção de tempo, apenas o espaço – o município de Beneditinos-PI- estudado na pesquisa.

Arqueologia da Paisagem

De acordo com Magalhães (2009) a paisagem é um artefato social porque os grupos humanos fazem uso político, econômico e social do espaço onde se insere a paisagem. Considerando a paisagem uma construção humana em que se relacionam questões do ambiente natural e do ambiente social, se desenvolve uma vertente da arqueologia interessada em entender a maneira como as paisagens se conformam. Surge a Arqueologia da Paisagem, cujo objetivo está em estudar

[...] um tipo específico do produto humano (a paisagem), que usa uma dada realidade (o espaço físico) para criar uma nova realidade (o espaço social: humanizado, econômico, agrário, habitacional, político, territorial, etc) por meio de aplicação de uma ordenação imaginada pelo espectador, ao fato de debruçar sobre sobre essa paisagem (CRIADO, 1997 *apud* AMENOMI, 2005:14-15).

A Arqueologia da Paisagem considera as intervenções humanas como construtoras da paisagem; a partir dos vestígios deixados por estas intervenções – construções, fogueiras, pinturas, gravuras, sepultamentos, esculturas e de suas relações com aspectos naturais do lugar em que estão, ou seja, sobre a maneira como determinados grupos ou sociedades que intervieram na paisagem lidam com o lugar. Hyder (2004) considera que a maneira como as pessoas interagem com o ambiente só pode ser medida pela projeção de suas culturas.

Os sítios de arte rupestre são excelentes para o estabelecimento de uma relação entre os vestígios gráficos neles contidos porque suas próprias características naturais estão fixadas na paisagem, ao contrário de outros vestígios os “artefatos móveis” que podem ser deixados em locais que sirvam apenas para descarte e nada tenham a ver com locais em que realizam atividades com eles, as pinturas estão exatamente nos locais em que foram executadas.

Buscando analisar a paisagem do entorno dos sítios arqueológicos pré-históricos

e históricos lançou-se mão de um conjunto de procedimentos metodológicos que abarcaram desde a revisão bibliográfica até a interpretação dos dados obtidos na pesquisa. A pesquisa bibliográfica buscou reunir informações sobre a paisagem e sobre a pré-história regional (sítios da região) a fim de auxiliar na análise da paisagem.

Esta análise dividiu-se na “leitura” dos aspectos naturais da paisagem e dos aspectos culturais da mesma. Em princípio a análise da paisagem natural envolveu procedimentos de “interpretação” com objetivo de se conhecer e reunir mais dado sobre a paisagem regional e sobre os ambientes nos quais os sítios são inseridos.

Para análise foi utilizado os aspectos:

- Distância da drenagem mais próxima. Acompanhar a drenagem das águas e os caminhos nos riachos, e olho d'água, foi usado valores da variável: em frente, ao lado, na outra margem;
- A posição topográfica também foi considerada : o plano e a declividade do solo, as serras os abrigos sob rocha, os morros isolados, os afloramentos rochosos;
- A vegetação: no entorno e no próprio sítio, vegetação de capoeira, cipoal, floresta secundária.
- Outro critério foi o compartimento geológico: a formação da região.
- Ocupação histórica: verificação de documentos relativos as terras. Sesmarias e instalação das fazendas.

O estudo da paisagem contribui para o entendimento de diferentes sistemas presentes num determinado espaço/meio e para a compreensão dos processos dinâmicos da inter-relação entre o homem e a natureza, pois nos estudos de localização, geomorfologia, climatologia, hidrografia e cobertura vegetal tem-se informações sobre as atividades humanas no passado.

Bertrand (1972) considera a paisagem como entidade global, na qual os elementos interagem numa dinâmica evolutiva, sendo estudados separadamente, considerando assim, que a paisagem é a evolução dos geoambientes, ou como um sistema natural homogêneo ligado a um território através da morfologia e dos seres que habitam esse território.

As paisagens têm significados genéricos, devido à possibilidade de observação. E dessa forma toda paisagem tem uma individualidade típica da área que representa, e

que esta não é simplesmente uma cena real vista por um observador. Sauer (1998) considera que as paisagens são uma generalização derivada de observações de cenas individuais, que têm relação com outras paisagens e com a forma que as compõem. E dessa maneira “entender o entorno de ambientações onde se insere um sítio arqueológico, construído e reconstruído em função de uso e da ocupação do solo, ajuda na tarefa de entender a vida pregressa e a cultura de uma sociedade” (MORAIS, 1999: 32).

No nordeste brasileiro as paisagens apresentam uma diversidade que se caracterizam pelas condições fisionômicas, estando estas relacionadas às condições climáticas, topográficas, hidrológicas e do solo. As condições físico-naturais da área em estudo foram elaboradas a partir das observações e das informações extraídas do Projeto RADAM (1973) e de diferentes trabalhos, considerando a importância para o estudo e o conhecimento das diferentes feições da paisagem natural da região e da paisagem histórica construída ao tempo em que conviveram numa determinada época.

Vale ressaltar a importância das paisagens enquanto cenários ativos, implicados nas dimensões sócio-ambientais decorrentes das manifestações e práticas humanas em profundas interações com o entorno, definindo, assim, formas de relação mais ou menos transformadoras do meio, resultado da apropriação criativa e real pelos sujeitos em interação com os ambientes cujos impactos são variáveis de acordo com a complexidade do deslocamento do trajeto humano. “A domesticação das paisagens nesta perspectiva, seria dinamizada pelo imaginário que resguarda certas peculiaridades associadas aos contextos culturais nos quais emerge como uma dimensão do humano” (SILVEIRA, 2006:72). O humano que constrói e reconstrói a paisagem de acordo com necessidade de interagir com o meio.

Paisagens histórica em Beneditinos

Nos últimos anos, as pesquisas arqueológicas desenvolvidas no Nordeste do Brasil têm considerado como unidade de estudo, um determinado território, que prioriza, não apenas os sítios, mas procurando entender a interação do homem com o meio.

Uma área de pesquisa arqueológica constitui também uma unidade territorial, com importante quantidade de vestígios arqueológicos, mas, para a qual, não se dispõe de dados suficientes que indiquem uma ocupação humana contínua. As áreas arqueológicas representam o ponto de partida para se identificar “enclaves” nos quais se poderá determinar a presença humana contínua durante longos períodos de tempo (GUIDON et al.1990:27).

Nesta perspectiva, os trabalhos desenvolvidos no Piauí durante muito tempo foram desenvolvidos no enclave arqueológico² da Serra da Capivara. Hoje porém, com um significativo aumento dos trabalhos desenvolvidos no estado outras áreas aparecem com pesquisas- Parque Nacional de Sete Cidades, Castelo do Piauí e Litoral.

No município de Beneditinos foram identificados 3 (três) sítios pré-históricos de arte rupestre e dois sítios históricos o Sobrado Velho construído pelos jesuítas no período do contato e os muros de pedra da fazenda Fortaleza.

O patrimônio é significativo para evidenciar a história da região em diferentes épocas. Os sítios pré-históricos: O sítio Canto da Pintada caracteriza-se por um imenso paredão rochoso portador de inúmeros grafismos rupestres figurativos são representações de animais (zoomorfos) tais como lagartos, serpentes, aves e figuras humanas, a cor predominante é o vermelho escuro. O sítio se insere em uma área de fundo de vale, entre os paredões rochosos que compõem o boqueirão um lugar de difícil acesso e de uma beleza surpreendente, formada pelas rochas escupidadas pela ação do vento, chuva, o frio e o calor.

O sítio Pedra do Judas caracteriza -se por uma figura humana estilizada que sobrepõem ao conjunto de figura como os carimbos de mão. Os grafismos foram executados com qualidade inferior aos do sítio Canto da Pintada pinturas atribuídas a fase final da Tradição Agreste. Que tem como características as pinturas sem movimento, dinamismo e a ausência de cuidados com a execução da tinta no painel.

O sítio Toca do Ladino (Fig. 1) caracteriza-se por um conjunto de grafismos não figurativos, de diferentes tamanhos, cores. Localizado em diferentes painéis no abrigo. Neste sítio os grafismos se encontram bastante desgastados pela ação do tempo (frio, calor, vento) e pela ação antrópica (direta e indireta). No sítio as pinturas aparecem em

2 Enclave arqueológico trata-se de uma unidade territorial com densa concentração de vestígios arqueológicos indicadores da presença humana em discronia contínua. São áreas que são escolhidas como unidades de estudos, considerando a interação do homem com o meio desde a pré-história até os dias atuais.

vermelho claro e escuro, amarelo, preto e vermelho com amarelo.

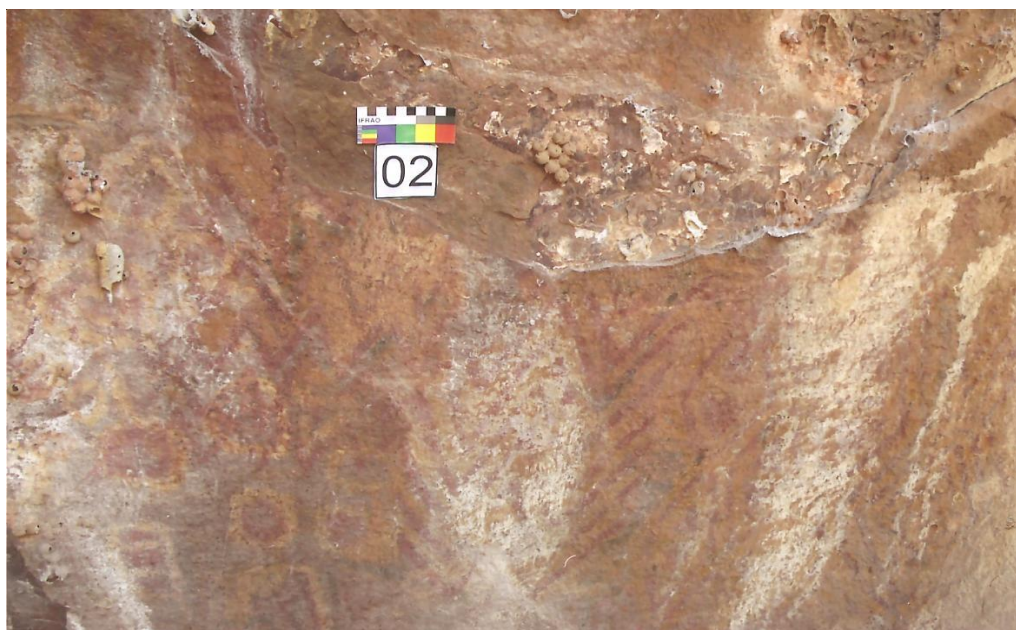


Fig. 1 . Pinturas rupestres do sítio Toca do Ladino
Fonte – Jacionira Coelho

As pinturas do sítio Toca do Ladino, ricas em informações, mostram variações gráficas. Uma análise detalhada de todo o corpus gráfico permitirá obter subsídios para esclarecer se se trata de um mesmo grupo cultural que registrou pinturas em diferentes momentos num mesmo espaço pictural, ou para constatar a presença de grupos diferentes usando o mesmo espaço.

O sítio histórico do Sobrado Velho de acordo com a documentação seria obra dos jesuítas. A participação mais importante dos jesuítas na história do Piauí de acordo com Bastos (1994), caberia aos padres do colégio da Bahia. Como testamenteiros de Domingos Afonso Mafrense, alguns padres transferiram-se para o Piauí em 1711.

Em testamento declarou-se senhor das terras piauienses, tendo-as ocupado com gados, trabalhadores escravizados e o mais que fosse necessário. Em junho de 1711, o sertanista faleceu em Salvador, Bahia, deixando as posses para os padres inacianos, a patrimônio, herdado, foram acrescentadas outras fazendas, totalizando 39 unidades produtivas, todas assentadas no trabalho escravo (LIMA, 2006:434).

Nesse ano o reitor do colégio e primeiro testamenteiro, designou o Pe. Miguel da Costa como administrador das fazendas deixadas por Mafrense aos cuidados da Companhia de Jesus. O produto das fazendas tiraram o sustento para o colégio da Bahia e o noviciado que em Jequitaia. No Piauí os jesuítas exerceram mais um papel evangelizador e de administradores que educadores ao contrário de outras regiões brasileiras. De acordo com Nunes (1975:36) “as duas mais importantes fundações culturais do Brasil colonial, o colégio da Bahia e o noviciado de Jequitaia passariam a ser financiados pela economia piauiense”.

Os jesuítas também foram responsáveis pelos aldeamentos de diferentes tribos em regiões variadas do estado. Para Miranda entre os aldeamentos mais antigos pode ser citado.

O de São Francisco Xavier com os Tabajaras, fundado em meados do século XVII, na serra da Ibiapaba, atualmente zona rural do município de São João da Fronteira; Nossa Senhora do Livramento, na lagoa de Parnaguá com os índios Rodeleiros, Acaroá e Mocoases, fundada no final do século XVII, dando origem à cidade de Parnaguá; Nossa Senhora das Mercês dos Jaicós, fundado em 1714, no lugar Cajueiro – lembrando que esses povos se rebelaram mas foram novamente aldeados em 1731, aldeamento que deu origem à cidade de Jaicós; Cajueiro com os Tremembé, localizado na ilha do Cajueiro, no delta do Parnaíba, em 1712; o de Nossa Senhora da Conceição do Ó com os Aroazes, fundado em 1740 e que deu origem à cidade de Aroazes; o de Nossa Senhora do Desterro, novamente com os Tremembés fundado em 1742, no lugar Rancho dos Patos, onde nos dias atuais situa-se a cidade de Castelo (MIRANDA, 2007:48).

As informações até então alcançadas acerca de quantas teriam sido as reduções jesuíticas, sua localização, são ainda escassas, não permitindo tirar leituras mais amplas. “Só com prospecções arqueológicas se poderiam elucidar detalhes construtivos de fazendas, ou ainda das casas de câmara e cadeia, capelas, igrejas” (SILVA FILHO, 2007:24). Na fazenda Morro dos Mendes, localizada as margens do rio Poti no município de Beditinos, encontram-se as ruínas de uma grande construção não concluída. Seria um novo aldeamento próximo ao Poti? Ou o aldeamento de Nossa Senhora do Desterro? Porém uma data gravada numa pedra informa o ano de 1758. A documentação dessa construção é escassa só aparece, que foi obra dos jesuítas no século XVIII, “Nas proximidades da cidade de Beditinos encontra-se um sobrado de pedra, obra dos jesuítas do século XVIII” (IBGE, 1958: 217).

Para Pe. Cláudio Melo (1991) nenhum dos autores que descreveram os grandes

feitos da Companhia de Jesus no Piauí, escreveu sobre ocorrência dos religiosos na Barra do Poti e nas encostas desse rio, como também na cabeceira do Longá. Porém, Pe. Miguel de Carvalho afirma que os Potis e os Longás foram aldeados pelos missionários da Ibiapaba próximo ao rio Itaim açu (Poti).

No fim do verão que antecede a esta internada [...] fomos em missão às últimas povoações de gado que ficam a quatro léguas pouco mais ou menos, por táz desta serra para a parte do sertão, movida pela necessidade espiritual em que vivem ali brancos e índios e que faltam sacerdote que lhe administrem os sacramentos (LEITE s/d *apud* MELO, 1991:27).

Considerando que em 1759, por alvará régio datado de 3 de fevereiro de 1759, mandando expulsar os jesuítas de Portugal e todo os seus domínios. De acordo com Alencastre (2009) em março de 1760 foram presos e remetidos para a Bahia, em obediência ao alvará régio os padres Francisco Sampaio, João de Sampaio, Manuel Cardoso e José de Figueiredo. Dois outros jesuítas que residiam em Parnaíba foram presos e encaminhados para São Luís de onde seguiram para o degredo. Os presos de Oeiras foram remetidos para a Bahia.

Alguns faleceram e foram sepultados no trajeto, outros faleceram logo que chegaram ao destino. A imponência da construção em terras de Beneditinos demonstra a filiação das construções jesuítas no interior do Piauí. Não se trata, porém, de uma fazenda mas de uma obra para atender o interesse da Companhia. “Hoje, sabemos que fragmentos de edifícios encontrados em Aroazes, Brejo de São João e Brejo de Santo Inácio indicam a ocorrência de construções admiráveis que, nesses então remotos aldeamentos missionários, expressam toda a determinação doutrinária dos religiosos” (SILVA FILHO, 2007:24). O projeto de catequese fundamentado na Contra-Reforma, empreendido no Brasil pelos inacianos, foi exercido através de missões itinerantes aos currais, ao chapadão, mas em aldeamentos em busca da conversão à civilização do humanismo cristão.

O sítio da fazenda Fortaleza (Fig. 2) se caracteriza por grandes extensões de muros de pedra formando os currais e parte onde era colocado o gado e as éguas partidas. A fazenda Fortaleza foi de acordo com a documentação localizado nos cartórios e nos documentos da contabilidade foi a maior dessa região do Piauí (bacia do rio Poti) a extensão dos muros chama atenção na paisagem.

Esses vestígios identificados na área da pesquisa foram a confirmação de material arqueológico em abundância. É o que Maffesoli (1994) chama de “lugares-ditos”. “Lugares que estão investidos, lugares que, de uma maneira mais ou menos fixa, estão marcados, lugares onde estar grafado uma presença” (MAFFESOLI, 1994:64).

Nesta perspectiva lugar é entendido por Certeau (1990:201) “ um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência”. Assim os lugares com evidências de material arqueológico significativo perpassa pela análise da paisagem na região.



Fig. 2 – Muros de Pedra da Fazenda Fortaleza
Fonte: Acervo Pessoal Domingos Júnior

Mesmo havendo uma diversidade de interações de diferentes grupos humanos com os ambientes, as quais estão relacionados com um amplo aspecto das experiências culturais e das sensibilidades diante do que poderíamos chamar de paisagem natural. Daí a noção de lugar habitado, ou de ambiência na qual os humanos se relacionam com o lugar e seu entorno. Estabelecendo um vínculo entre o que é cultural e o que é natural. Assim a paisagem é passível de ser interpretada e como afirma Silveira (2006:74) “ela é ao mesmo tempo a escrita e a leitura porque a ação humana que engendra marcas não se dá sem a interpretação”.

A paisagem é modelada a partir dos desígnios humanos que conformam sua fisionomia mediante a dinâmica de assimilação ao meio, ao lugar que pertença. Dessa forma a paisagem apresenta como elemento fundamental para o entendimento das pinturas rupestres encontradas nos sítios a matéria prima próxima ou no entorno do sítio a matéria prima adquirida de regiões distantes, a paisagem denuncia ou confirma a presença ou a falta das jazidas próximas.

Ao contrário das pinturas, as jazidas de pedras se localizava próximo ao sítio como na fazenda Fortaleza ou distante como no Sobrado Velho retiradas na margem do rio Poti distante do local da construção.

Considerações finais

Pelo o que foi exposto, fica claro que a paisagem como fenômeno cultural é dinâmica e transforma-se com o passar do tempo. Porém essas transformações são possíveis de serem captadas e interpretadas, o que oferece uma dimensão humana nos espaços onde os grupos ocuparam, modificaram e ou adaptaram as suas necessidade. Essa leitura enriquece o trabalho arqueológico pois carrega uma leitura política, econômica, social e cultural.

REFERÊNCIAS

ALENCASTRE, J. M. P de . *Memória cronológica e corográfica da província do Piauí*. [s/e]. Teresina: COMEPI, 1981.

AMENOMI, P. H. *Paisagem e paisagens*. Belém: Museu Goeldi, 2005.

BASTOS, C. A . *Dicionário Histórico e Geográfico do Estado do Piauí*. Teresina: FCMC, 1994.

BERTRANG, G. Paisagem e geografia física global: esboço metodológico. In: *Cadernos de ciências da Terra*. Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo. Nº 13. São Paulo, 1972. p 12-27.

BAPTISTA, J. G. *Geografia física do Piauí*. 2. ed. Teresina: COMEPI, 1981.

CARVALHO JÚNIOR, D. A de C. *As pinturas rupestres e a degradação de um sítio arqueológico: o caso da Toca do Ladino em Beneditinos-PI*. 2004. 98 f. Trabalho de

conclusão de curso (Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2004.

CARVALHO, Pe. M. de. *Descrição do sertão do Piauí* (comentários e nota de Pe. Cláudio Melo) 2 ed. Teresina: APL; FUNDAC; DETRAN, 2009. Coleção Grandes Textos. V. 3.

CERTEAU, M. de. Relatos de espaço. In: *A invenção do cotidiano – arte de fazer*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

FERREIRA, M. A. F. Et al. Botânica, geomorfologia, geologia. In: FIGUEIREDO, D; PUCCIONI, S. (org.) *Consolidação estrutural da Toca da Entrada do Pajauí: diagnóstico e proposta de intervenção*. Teresina: IPHAN, 2006. 1º reimpressão, 2009.

GUIDON, N et al. Linha de pesquisa: o povoamento pré-histórico do nordeste do Brasil. *Clio – Série Arqueológica*, n. 6. Recife: UFPE, 1990, p. 123-132.

HYDER, M.F. de. *Lugar social*. São Paulo: Contexto, 2004.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Cadastro de sítios no Piauí. 2010. Disponível em < <http://www.iphan.gov.br/piauíwid//sitiosttm?> > Acesso em: 23 mar. 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Cidades brasileiras*. 2008. Disponível em < <http://www.biblioteca.ibge.gov.br/cidadesat/topwindowhtm?> > Acesso em: 15 set. 2009.

LAGE, M. C. S. M. Arqueometria. In: FIGUEIREDO, D; PUCCIONI, S. (org.) *Consolidação estrutural da Toca da Entrada do Pajauí: diagnóstico e proposta de intervenção*. Teresina: IPHAN, 2006. 1º reimpressão, 2009. p.83-94.

LIMA, S. O. Doutrina dos inimigos: formas de controle e resistência dos trabalhadores escravizados nas fazendas públicas de pastoreio no Piauí: 1711-1871. In: NASCIMENTO, A; VAINFAS, R. *História e historiografia*. Recife: Bagaço, 2006.

LIVRO DA TRANSCRIÇÃO DAS TRANSCRIÇÕES DOS IMOVÉIS. *Livro 3-F*. Beneditinos, 1935.

MAGALHÃES, M. P. *Marcos Pereira Magalhães: depoimento* [nov.2009]. Entrevistador: Domingos Alves de Carvalho Júnior. Belém: MPEG-PA, 2009. Entrevista concedida ao Projeto de Arqueologia da Paisagem – UFPI.

MAFFESOLI, M. O poder dos espaços de representação. In: *Revista Tempo Brasileiro* 116, 1994. Material fotocopiado.

MORAIS, J. L. de. A arqueologia e o fato geo. In: *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo*. MAE/USP, Nº 9, p. 3-22.

NUNES, O . *Pesquisa para a história do Piauí*. Rio de Janeiro: Arte Nova, 1975.

SILVA FILHO, O P. *Carnaúba, pedra e barro: na capitania de São José do Piauí*. Belo Horizonte: ed. Do autor, 2007.

SILVEIRA, F. L. A da. A paisagem com fenômeno complexo, reflexões sobre um tema interdisciplinar. 2006, p. 71-83. Texto fotocopiado.